

*Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros: O cinema entre Peirce e Deleuze* aborda as relações teóricas presentes entre a obra do filósofo francês Gilles Deleuze e do semiótico norte-americano Charles Sanders Peirce no que concerne à produção de sentido no cinema. O foco é explorar as potencialidades e limites entre os escritos desses autores, para que se possa estabelecer dentro do cinema moderno e mais especificamente na obra de Glauber Rocha o que Deleuze chamava de “uma nova imagem do pensamento”. Para Peirce, o pensamento é justamente a ação do signo de se proliferar no processo da semiose e assim complexificar a nossa compreensão da realidade. Para isso, devem ser criados cada vez mais signos que dêem conta de nossa expressão e de nossas relações com o mundo. A criação de novos signos é a principal característica do cinema moderno, como explicitado por Deleuze no livro “Imagem-Tempo” (1990). O autor francês dizia que, por não seguir nenhum modelo de representação pré-estabelecido, o cinema moderno, através de suas experimentações, criava novas imagens – ou signos – que não tinham o propósito de representar uma dada realidade “naturalizada”. Partindo dessa relação entre Peirce e Deleuze, analisamos como aparece essa imagem de pensamento no cinema de Glauber Rocha, a partir de três categorias de signos: os signos do Cinema, do Transe e da Revolução.